



CONHECER

«É incontornável a referência ao mobiliário de escritório, no qual se incluem os bares e móveis soltos. Ao traço de modernidade associam-se soluções verdadeiramente funcionais, inovadoras (...)»

Desenho de perspectiva rigorosa: Conjunto de interior ostentando as diversas aplicações de cortiça aglomerada *Jointite* (Inv. EMS:2003.752)

Uma colecção de desenhos da *Mundet* para a marca *Jointite* e a aplicação de aglomerado de cortiça para revestimento isolante e decorativo

Ao vasto espólio da *Mundet & C.^a Ld.^a* que, desde 1996, com a municipalização dos bens da antiga fábrica do Seixal, vem sendo integrado no acervo do Ecomuseu Municipal, pertence um conjunto de desenhos técnicos para a marca de produtos aglomerados *Jointite*, com enfoque no revestimento de mobiliário, paredes, tectos, pavimentos e outros elementos decorativos.

No ano de 1931, o *Jointite* foi acrescentado às várias especialidades produzidas pela corticeira *Mundet*. O referido produto viria a ser patenteado em nome de *Mundet & Companhia, Limitada*, no ano de 1943, de acordo com o registo de marca entrado na Repartição da Propriedade Industrial, organismo, à época, dependente do Ministério da Economia. O pedido de 20 de Agosto informa que a marca é «(...) destinada a ladrilhos de cortiça, placas de cortiça, cortiça endurecida, revestimentos de paredes (não metálicos) e lambris (...)».

Apesar do razoável estado de conservação, a documentação gráfica que constitui a colecção, localizada e recolhida no contexto do levantamento e inventário de património industrial da *Mundet*, encontrava-se em muito más condições de acondicionamento, pelo que a equipa técnica do museu se regojou pela oportunidade da respectiva salvaguarda.

A colecção é composta por um conjunto de 594 peças desenhadas, oriundas do Gabinete Técnico da *Mundet & C.^a Ld.^a*, que funcionou em Lisboa até 1965, ano em que foi transferido para o Seixal. O autor da maior parte, senão mesmo da totalidade destes desenhos de projecto, datados de 1944 e 1946, foi Hermínio Lopes Castilho (1907-1967), que frequentara o Curso de Belas Artes de Lisboa (veja-se o boletim trimestral nº 27, de 2003).

Os desenhos distribuíam-se por vários álbuns, alguns identificados na capa (por exemplo, com a inscrição: *mobiliário ou conjuntos e motivos decorativos / Castilho*), outros sem qualquer identificação, apresentando uma separação temática das peças gráficas. Estas foram executadas em suporte de papel translúcido ou vegetal (desenhos originais), traçadas a tinta-da-china. Existem ainda várias cópias, realizadas no mesmo suporte ou em papel heliográfico, apresentando estudos cromáticos executados com recurso a lápis de cor.

Para uma melhor operacionalidade na apresentação sumária desta colecção, subdividimo-la em 3 grandes grupos:

- desenhos de mobiliário;
- desenhos de revestimento de paredes e afins (associados ao gosto e difusão dos materiais utilizados na construção civil da época, apresentam aplicações características para o isolamento térmico e acústico);
- desenhos de outros elementos decorativos.

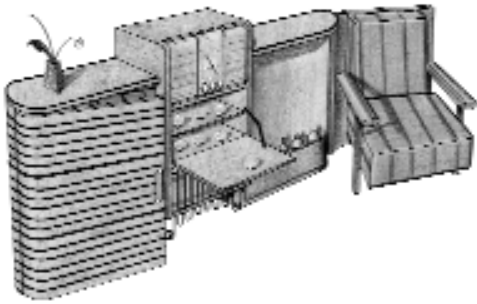
Os **desenhos de mobiliário** correspondem a plantas, alçados e perspectivas rigorosas de mobiliário de quarto, de salas de jantar, de escritórios, e até mesmo de bares e móveis soltos, abrangendo uma notável pormenorização construtiva e decorativa. Ao traço rigoroso, junta-se a perfeição geométrica das formas, agregada a uma profusão policromática dos pormenores desenhados.

No mobiliário de quarto, as camas são revestidas de colchas com tonalidades e padrões harmonizados com os cortinados, e também com os bancos de toucador. Sobre estes últimos, são, por vezes, representados objectos associados ao tratamento de beleza feminina. Ainda que o estudo da colecção esteja por desenvolver, nota-se a semelhança de pormenores decorativos existentes em alguns destes desenhos ou projectos, com destino não identificado, com aspectos que podem ser observados em documentos iconográficos de projectos destinadas ao Círculo Rotário no México, entidade que porventura terá originado uma encomenda de trabalho.

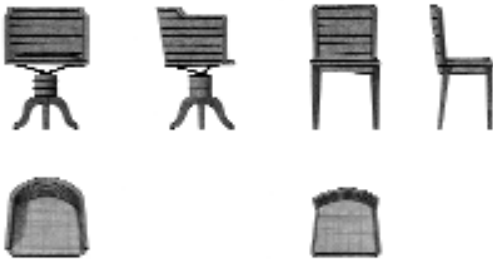
Relativamente ao mobiliário de sala de jantar, o desenho oferece-nos grande detalhe na sugestão decorativa, por exemplo na loiça disposta nas cristaleiras,

ou nas jarras e centros de mesa, com composições florais.

É incontornável a referência ao mobiliário de escritório, no qual se incluem os bares e móveis soltos. Ao traço de modernidade associam-se soluções verdadeiramente funcionais, inovadoras e, diríamos, arrojadas para a época, como por exemplo a utilização de rodas nos móveis, facilitando a deslocação/movimentação e, naturalmente, qualquer reorganização dos espaços. As áreas reservadas à arrumação de bebidas e utensílios de apoio são normalmente ocultáveis entre prateleiras com livros e bibelôs. Esta optimização espacial do móvel é simultaneamente visível quanto ao lugar a tomar pela telefonia - aparelho que à época ainda estava pouco divulgado entre a população portuguesa - impondo-se, para além das suas dimensões (bem diferentes das actuais) e detalhes do próprio desenho, nas soluções técnicas propostas (encastre).



Desenho de perspectiva rigorosa de mobiliário - bar (Inv. EMS.2003.944).



Plantas e alçados de cadeiras de escritório (Inv. EMS. 2003.1241).

Neste conjunto de desenhos, estão identificados dois projectos específicos. O primeiro, elaborado para a casa de um dos gerentes da fábrica, Luís Gubert (1881-1956), no Seixal, compreendendo planta de distribuição de móveis, planta e alçados dos mesmos (armário, secretária, cadeira, móvel que integra sofá, prateleiras, bar e rádio). Outro projecto é composto por um conjunto similar de peças desenhadas com destino indicado como uns escritórios em Alcanena, que até ao momento ainda não identificámos.

Neste grupo de desenhos, à visão conjunta da distribuição dos móveis pelo espaço (perspectiva rigorosa) associam-se peças tais como plantas, alçados e cortes, onde cada elemento é projectado individualmente e cotado. Na colecção, o maior grupo de desenhos abrange os **estudos para revestimento de interiores** (paredes, tectos, sancas e pavimentos), com fins decorativos e de isolamento térmico e acústico. Alguns parecem remeter para

projectos a aplicar em locais específicos, sendo mais uma vez assinalável a riqueza de detalhes. Por exemplo, num projecto para café a representação identifica um determinado universo, incluindo mesas, cadeiras, balcões, balanças, máquinas, até mesmo os frascos de vários feitios e tamanhos, onde se guardavam as iguarias que faziam as delícias dos mais pequenos, como os rebuçados, também eles desenhados em alguns casos. Ainda relativamente aos estabelecimentos comerciais, os elementos utilizados na decoração dão-nos até pistas sobre a localização geográfica e o contexto, urbano ou rural, da obra a realizar. Um dos casos identificados é o do café Monte-Neve, na Guarda, onde toda a decoração surge como um prolongamento do contexto local: montes, neve e esquiadores.

A introdução de objectos de uso comum nos desenhos de conjunto tem por objectivo proporcionar, ao leitor menos familiarizado com o desenho técnico, uma percepção mais clara do aspecto que o espaço virá a ter. Sendo um recurso usado, pelos profissionais, nos desenhos de apresentação de projectos, os referidos objectos, com dimensões bem conhecidas, transmitem uma noção de escala que, de outro modo, dificilmente seria apreendida pelos potenciais clientes.

Nos projectos para Cine-Teatros, relativamente aos quais se realizaram efectivamente numerosas obras de aplicação de *Jointite*, como por exemplo em Abrantes, em Évora e em Santo Amaro de Oeiras, a decoração é sóbria. Lugares de passagem, por assim dizer, onde a arquitectura previa que as atenções fossem canalizadas para o ecrã ou para a boca de palco.

Outras peças desenhadas remetem-nos para espaços pertença de associações profissionais/sindicatos, algumas ligadas a actividades marítimas/piscatórias, outras à indústria, com decorações bem representativas de uma ideografia associável ao Estado Novo.

A indicação que remetia para a utilização do produto *Jointite* é comum a todos os desenhos, assim como as áreas da sua aplicação (tectos, paredes, sancas, lambris, portas, pavimentos, mobiliário e outros elementos). Apresentavam-se assim uma série de modelos, que poderiam ser conjugados em conformidade com as solicitações do(s) cliente(s). Daí existirem muitas plantas com estudos de pormenores decorativos, sobretudo ao nível das aplicações em pavimentos, que vão desde as composições geométricas simples, repetitivas e monocromáticas, até aos jogos de tonalidades, dimensões e composições mais complexas, por exemplo com efeitos de padrão axadrezado, ou de entrançamento, ou de tridimensionalidade, ou espinhado, até à percepção da Cruz de Santa Brígida, entre outros. Nos desenhos inclui-se o revestimento de zonas de passagem (átrios, corredores, patamares, escadas), assim como a própria composição dos ladrilhos, de acordo com a sua dimensão e especificidade (arestas boleadas, ovadas).

Um terceiro grupo é formado pelas **peças gráficas relativas a certos elementos ou objectos decorativos** usados sobretudo nos desenhos de perspectiva rigorosa de mobiliário. Assim, temos desenhos de pormenor de candeeiros de tecto, de relógios de parede (simples ou decorados), ou de puxadores e dobradiças.

Naturalmente, esta colecção não nos dá, por si só, toda a informação que o produto *Jointite* merece que conheçamos, através de outras fontes, nomeadamente as que se encontram entre o acervo da Mundet, que nos esclareçam quanto à sua origem e produção industrial, comercialização, período e espectro de aplicações. Contudo, atenta a profusão de pormenores observável nos projectos, intuímos que estes correspondessem a encomendas. Estaremos perante soluções criadas para um pequeno segmento do mercado português? Ou destinadas a clientes no estrangeiro? Só uma investigação sistemática poderá dar-nos respostas a algumas dúvidas aqui lançadas.

[Graça Pimentel Lemos]